

ESBOÇO DO LIVRO O HOMEM PARENTÉTICO (II)¹

ALBERTO GUERREIRO RAMOS

(School of Public Administration/University of Southern California)

Tradução: Francisco Gabriel Heidemann e Ariston Azevedo

Breve descrição da Introdução do livro e seus capítulos

Considerando que a editora gostaria de ter uma ideia da estrutura do livro, vou descrever sua introdução e os capítulos. Estou ciente de que esta peça e a anterior em parte se sobrepõem.

Introdução

Eis a história da minha preocupação com o tema, que foi incipientemente enfocada em dois livros anteriores que publiquei no Brasil, *A redução sociológica* (1958) e *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963). A experiência de viver nos Estados Unidos desde 1966 tem sido um estímulo importante para eu entender todas as implicações do homem parentético

1 [NT: O presente esboço foi anexado por Guerreiro Ramos em carta enviada ao filósofo Eric Voegelin, em 3 de abril de 1973, quando o sociólogo cumpria licença sabática na Wesleyan University, em Connecticut, EUA. O fato de apresentar a marcação “II”, entre parênteses, indica não um segundo volume do livro, mas um segundo esboço da estrutura que ele teria. Como o leitor poderá perceber logo de início, este segundo delineamento não foi realizado com exclusividade para Voegelin, mas se trata de um texto que já havia sido enviado por Guerreiro Ramos para algum editor. Para fins de registro, vale dizer que embora a intenção de título para o livro fosse “O Homem Parentético”, o subtítulo que lhe foi atribuído, porém, variou entre “a phenomenological approach to administrative behavior”, “an anthropological approach to administrative behavior” e “an anthropological approach to organizational design”. Como é sabido, o título final atribuído ao livro, sob a inspiração de Eric Voegelin e Adam Smith, foi “*The new science of organizations: a reconceptualization of the Wealth of Nations*”].

como modelo. Na verdade, este livro é a culminação de mais de quinze anos de pesquisa e reflexão.

Capítulo 1. A visão sociomórfica do homem

Neste capítulo, estuda-se em detalhe o surgimento da “sociedade” na Civilização Ocidental e se reconstitui o sentido original do termo por meio de uma discussão da polêmica [histórica] travada entre Lorenz von Stein e Heinrich von Treitschke. Ao focalizar a noção do próprio “social” em si, o capítulo analisa os trabalhos de Hegel, Marx, Comte, Proudhon, de Bonald, de Maistre. Minha posição tem alguns pontos em comum com as posições de F.A. Hayek, Hannah Arendt e Dennis Wrong, aos quais rendo crédito.

Capítulo 2. A visão existencial da Sociedade

Depois de avaliar algumas tendências da ciência social contemporânea representadas por autores como Harold Garfinkel e seus associados Peter Berger, Thomas Luckmann e outros, todos influenciados por Husserl e Alfred Schütz, o autor elabora a sua noção de “visão existencial da sociedade” enquanto referência cardinal para uma ciência social não positivista.

Capítulo 3. Racionalidade e existência humana

Este capítulo lida inicialmente com o significado clássico da racionalidade apresentado, principalmente, nos escritos de Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino. Com a finalidade de caracterizar a transformação que veio a sofrer a racionalidade nos últimos estágios da Civilização Ocidental, o capítulo reexamina cuidadosamente os escritos de Max Weber, Karl Mannheim, Eric Voegelin e Jürgen Habermas. O *Comportamento administrativo*, de Herbert Simon, é analisado em termos sistemáticos. O objetivo geral do capítulo é demonstrar que as abordagens contemporâneas para a abordagem [*design*] dos sistemas, a formulação de políticas e a tomada de decisões foram captadas pelas premissas de valor das socieda-

des industriais estabelecidas e, desse modo, perderam de vista os requisitos genuínos da racionalidade na existência humana.

Capítulo 4. Labor, Trabalho e Acumulação de Capital

Este capítulo caracteriza a sociedade de mercado como a primeira [sociedade] na história em que a acumulação de capital se tornou um processo sistemático, contínuo e autossustentado. Em tal sociedade, o comportamento administrativo tornou-se equiparável à natureza humana. Apoiado na distinção entre labor e trabalho, o autor sustenta que o comportamento administrativo pode se tornar incidental à vida humana. Com respaldo em várias fontes da literatura contemporânea de economia, ecologia, sociologia, ciência política e outros campos da ciência, o autor apresenta modelos operacionais de sistemas sociais alternativos ao vigente.

Capítulo 5. Busca por um modelo de homem

Este capítulo oferece ao leitor uma visão geral da busca por um modelo empreendida por vários autores contemporâneos. Será apreciada a importância das seguintes categorias de modelos: (1) Modelos derivados do interesse do autor pelas condições patológicas do homem contemporâneo. Nesta categoria, devem-se incluir os tipos psicológicos caracterizados por direção via tradição, pela direção introversa e pela direção ao outro, como as conceituou David Riesman: o homem organizacional (William H. Whyte); os tipos testados e comprovados descritos por Robert Presthus (ascendente, ambivalente e indiferente); o homem unidimensional (Herbert Marcuse); o homem reativo (Hubert Bonner); o homem encapsulado (Joseph R. Royce); o homem de Consciência I e de Consciência II (Charles Reich) e assim por diante. (2) Modelos derivados de um ponto de vista descritivo. Nesta categoria estão modelos como o *homo sociologicus* (Ralf Dahrendorf); o homem tecnológico (Victor Ferkiss); o homem histriônico (Goffman); o homem falível (Paul Ricouer); o homem global (Marshall McLuhan); o homem modular (Alvin Toffler); o homem proteico, versátil [multiforme, poliforme, a la Proteus] (R.J. Lifton); o homem planetário (W. Desan); o homem multivalente (Alfred M. Lee); o homem temporário (Bennis, Slater, Toffler); o homem pós-cristão (Cox, Cooper) etc. (3) Mo-

delos normativos. Aqui incluo, por exemplo, o homem psicológico (Philip Rieff); o homem desajustado (Viereck); o homem autônomo (Riesman); o homem transparente (Jourard); o homem autorrealizável (Goldstein, Maslow); o homem fenomenológico (Garfinkel, Berger); o homem radical (Charles Hampden-Turner); o homem unitário (L.L. White); o homem racional (H.B. Veatch); o homem transcendente (Victor E. Frankl); o homem mundial (Buckminster Fuller); o homem esperançoso (Ernst Bloch, Ezra Stotland); o homem científico (Szent-Györgyi); o homem de Consciência III (Reich); o homem mozartiano (Dennis Gabor, Gunther S. Stent) etc.

Capítulo 6. O Homem Parentético

Depois de discutir a técnica da construção de modelos implícita no material acadêmico focado no capítulo anterior, apresento o meu próprio modelo de homem. Examinado aqui cinco questões básicas como um meio para descrever sistematicamente as principais características do homem parentético. Essas questões são: (1) as principais agências responsáveis por sua socialização; (2) a sua visão da sociedade; (3) o *locus* de sua autodireção (reavaliação do conceito freudiano de superego); (4) a sua resposta ao fracasso; e (5) a sua relação com o trabalho.

Capítulo 7. O Homem Parentético e o Mundo

Minha preocupação neste capítulo é demonstrar que o modelo é incompatível com toda forma de elitismo. Teoricamente, em uma sociedade apropriada ou ajustada ao homem parentético, prevalecerão padrões esclarecidos de comportamento, que assim perdem o caráter elitista que sempre assumiram. O modelo implica uma visão do mundo como um sistema único, funcionando de acordo com critérios ainda não institucionalizados. Analiso aqui, sob vários pontos de vista, a literatura que trata do futuro da tecnologia e, em particular, do declínio do Estado Nação. O capítulo deixa claro que o homem parentético é hoje uma possibilidade concreta, a qual, no entanto, pode estar fadada a um fim adverso, à ruína. Uma resposta bem-sucedida ao problema fundamental do homem envolve um salto axiológico, ou seja, um salto no reino dos valores.

Estágio atual do livro

As seções do livro já estão preparadas, mas não editadas. Sinto que, além da crítica construtiva de outros estudiosos, o livro vai precisar de correções, pois o inglês não é minha língua nativa. Estou, no entanto, confiante de que o livro estará em condições de ser enviado à editora em setembro de 1973.²

2 [NT: No original, o número 3 (três) está rasurado, sobrepondo-se a ele o número 4 (quatro). O ano previsto para publicação do livro seria não mais 1973, mas 1974. A propósito, como já tivemos a oportunidade de dizer em outro momento, embora o livro tenha sido publicado somente em 1981, pela Editora da Universidade de Toronto, Canadá, o fato é que o rascunho final do livro ficou pronto em 1975 e, desde então, ele o fez circular entre algumas pessoas para que lessem e opinassem sobre o manuscrito. A partir de 1977, o sociólogo vinha submetendo o manuscrito final a algumas editoras norte-americanas, que, após avaliação, declinavam do interesse de publicá-lo. No total, foram 14 (quatorze) negativas dadas ao autor. As justificativas eram as mais variadas. Em uma delas, por exemplo, os revisores argumentaram que o livro era demasiado “europeu” para o público norte-americano, este que, sem possuir o *background* suficiente para entendê-lo, deixaria de apreciar o valor das ideias ali postas. Em outra, a editora informou que o livro, por não fornecer um enfoque suficientemente prático, era de pouca relevância para os leitores americanos. Até a própria editora da Universidade de Toronto argumentou nesse sentido, ou seja, solicitaram o acréscimo de um capítulo, no qual o autor descreveria “as inovações institucionais em processo nos Estados Unidos e na Europa”, a fim de demonstrar “a concretude dos argumentos” exposto n’A *Nova ciência das organizações*. Resistente à ideia, Guerreiro Ramos escreveu à editora alegando que “o livro ficaria menos perecível quanto mais reduzisse nele a parte consistente em simples crônica de eventos”; além do mais, o livro “deveria ser, tanto quanto possível, mero discurso teórico. Se este fosse convincente, a longevidade do livro ficaria mais bem assegurada.” Hoje, não restam dúvidas de que Guerreiro Ramos estava certo.]